Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RECITAL ENTREVISTA O PROF. LEONARDO LUIZ SILVEIRA DA SILVA (IFNMG)

O IFMundo em perspectiva: avanços e desafios da organização de um dos maiores eventos estudantis do norte de Minas Gerais.

Entrevistadores
Alex Lara Martins (Editor-chefe da Revista Recital)
Alfredo Costa (Editor da Revista Recital)

Transcrição
Carlos Henrique Soares Coelho (Bolsista CNPq)
Juan Cordeiro Bispo (Bolsista CNPq)

Apresentação

Leonardo Luiz Silveira da Silva é professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Salinas. É graduado em Geografia (2002) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Especialista em Gestão de Políticas Sociais (2006) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG), Mestre em Relações Internacionais (2011) e Doutor em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (2016) pela mesma universidade. Foi professor da rede particular de ensino de Belo Horizonte entre 2002 e 2016. Seus temas de interesse estão ligados à Geopolítica, à Geografia Urbana, à Geografia Cultural, ao Pós-colonialismo e aos Estudos Regionais, com ênfase nos estudos de fronteiras. No ano de 2019, foi o coordenador-geral do evento IFMundo no IFNMG. Leonardo é casado com a Larissa, é pai do Vicente, e possui dois gatos: Garibaldi e Quitéria. No tempo livre, acompanha o Atlético Mineiro, joga e desenvolve jogos de tabuleiro, e está preparando o lançamento de Jordão, um jogo que combina geopolítica e estratégia.

Entrevista

Alfredo Costa [AC]: Professor Leonardo, você foi o coordenador geral do IFMundo em 2019. Sabemos que você tem experiência com outros modelos de simulação. Fala pra gente um pouco das suas experiências pedagógicas com outros modelos e quais as diferenças e as semelhanças, os encontros e desencontros entre os modelos que você já participou, principalmente quando você trabalhava lá em Belo Horizonte, e o IFMundo, considerando inclusive as edições anteriores do IFMundo.

Leonardo Silveira [LS]: Entre 2002 e 2016 eu trabalhei na rede privada de Belo Horizonte, então eu tive oportunidade em alguns anos de frequentar a MINIONU da PUC, que é a tradicional simulação que acontece em Belo Horizonte, uma das pioneiras do Brasil. E nesse tempo eu pude ter contato com essa ferramenta muito poderosa de aprendizagem que é a simulação estudantil. E quando cheguei aqui no norte de Minas, com muita felicidade, eu pude ver que a turma de Almenara do Instituto Federal estava trabalhando nessa perspectiva que é uma perspectiva que estava desbravando um terreno virgem. Sabemos que muitas vezes o Instituto, nesse aspecto pedagógico, tem muito o que aprender com outros centros educacionais. Muitas vezes, as práticas pedagógicas daqui remetem ao passado, até por causa da nossa condição de ensino técnico, em que o próprio professorado que se envereda acaba não tendo muita experiência pedagógica. É mais tecnicista mesmo. O que é importante para a proposta do Instituto, mas que, do ponto de vista da mercadoria pedagógica, fica um pouco aquém. Com toda a felicidade eu vi vocês pioneiros aí em Almenara, com a simulação, desbravando terreno mesmo... Qual é a lógica? Na pedagogia moderna, já há um consagrado conceito de que o chamado *deep understanding*, que é o aprendizado mais enraizado, profundo, se dá por meio da emoção e do protagonismo do estudante. Nós estamos aí com três anos de simulação no IF, em Almenara, e dois anos como rede de expansão. Temos ainda muito o que aperfeiçoar e aprender. Simulações mais tradicionais do Brasil estão com duas décadas de experiência, aqui no IF são três anos. E vamos aprendendo cada vez mais a aperfeiçoar, sair do lugar comum, estabelecer um contato melhor com professores de outras áreas que não são só de ciências humanas. É fundamental para o projeto que ele seja abraçado pela comunidade como um todo, então você tem essas questões que são colocadas. De qualquer maneira, o que tem sido feito no IF é de muito valor. Esses meninos raramente são colocados na condição de protagonistas e é justamente o que esse evento faz.

Alex Lara [AL]: Professor Leonardo, você falou sobre a questão da integração entre o ensino técnico e as áreas do núcleo comum. O IF até pouco tempo atrás era uma rede mais voltada para o ensino técnico. Porém, a partir de 2008 houve essa proposta de integração entre essas duas áreas. Uma área que seria mais relacionada ao trabalho e a outra área mais relacionada à ciência. Como que é possível a gente pensar um modelo de simulação que de fato atenda essa característica primordial, fundamental da nossa instituição que é um modelo de Instituto Federal que tem cursos integrados? Como que é possível fazer com que o núcleo técnico se aproxime do núcleo comum nessas simulações?

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set/dez 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[LS]: Essa é uma excelente pergunta, mas eu acho que a chave, o caminho da resposta está nas iniciativas que vocês começaram a travar. É como se a gente tivesse que inverter o caminho entre princípio, meio e fim, e partisse do fim em direção ao início. O que eu estou querendo dizer com isso? Estou querendo dizer que o entusiasmo que o aluno tem ao participar desse evento contamina. Então mesmo os professores que são da área técnica ou que estão um pouco mais desligados deste evento, acabam sendo contaminados indiretamente. Vamos dizer assim: os alunos ficam ébrios de emoção de participar, e o evento não tem com passar despercebido. Então os meninos trazem essas experiências e o professor, por mais desligado que ele seja, ele acaba querendo procurar saber como é. Eu não vejo um outro caminho que não seja um caminho de uma questão mais formativa mesmo. De uma discussão sobre pedagogia. Eu sei que quando a gente fala de pedagogia, muitas vezes, espanta muitos professores, por incrível que pareça. Quando você fala "Ah vou querer ter uma discussão sobre pedagogia", geralmente o ambiente fica mais esvaziado. Os professores não se preocupam muito com isso, talvez até por considerarem que já são senhores da sua própria atividade laboral e que não precisam nunca dar um passo no sentido de uma formação constante. Não que a gente esteja, nós que estamos engajados com o evento, numa posição de profissionais acabados, longe disso. Mas eu acho que um evento em processo como esse precisa despertar curiosidade em quem tá fora. É o mínimo que se espera. Então eu acho que essas posições formativas têm que ser uma parceria entre professores envolvidos e direção de ensino, em que se abre um espaço em uma reunião grande para colocar quais são os resultados obtidos, o que se conseguiu, quais são os esforços que pretendemos fazer para poder facilitar a integração. E eu digo mais: vocês deram um caminho rumo ao lúdico, ao fazer um comitê lúdico [da Organização Mundial de Saúde, que foi realizada a partir de um jogo de tabuleiro elaborado especificamente para esse fim]. Essa questão do lúdico tem um potencial muito grande de integrar, porque você traz a felicidade e o engajamento por meio do prazer. Essa proposta é muito irresistível. E o lúdico pode inserir elementos de muitas áreas. Então é a gente tentar dar esses passos no sentido de facilitar, durante a escolha da temática dos comitês, a entrada desse pessoal. Antes de a gente estabelecer a temática, levantar quais são as suas necessidades, quais são os seus interesses. Então nós podemos fazer mea-culpa, certo? De a gente pensar em porquê a gente muito insistentemente não ter tomado esse procedimento. Digo até mais, por Salinas: que Almenara está para o IFMundo assim como o Chile está para a América Latina, sempre um passo à frente das coisas que acontecem.

[AC]: Nós sabemos que você dedicou uma parte grande da sua carreira ao estudo da geopolítica e das relações internacionais. Você acha que os debates do IFMundo se assemelham ao que acontece no mundo das relações diplomáticas?

[LS]: O que acontece é o seguinte: as pessoas que nunca estudaram relações internacionais e que leem por curiosidade colunas de jornais, sites, que buscam aprender, leem periódicos, mesmo que não sejam científicos, mas um Le Monde Diplomatique, um Charlie Hebdo, coisas assim, eles acabam por instinto respirando e adotando um saber enciclopédico sobre a geopolítica. Contudo, as pessoas que não estudam puramente as relações internacionais tendem, em sua grande maioria, a se expressar e pensar de acordo com o que se chama de Realpolitik, ou seja, o realismo político. O realismo político é uma forma de pensamento das relações internacionais, que se encaixa bem com quem nunca estudou academicamente os paradigmas das relações internacionais, e o que a gente vê no IFMundo é um predomínio absoluto de uma

abordagem realista da ciência política, justamente por isso. Por outro lado, avançar em uma discussão prévia sobre as diversas formas de se entender as relações internacionais, parece um pouco demais para a tenra idade que é exibida pelos alunos da nossa rede e que participam disso. Mas para se ter uma ideia, existem correntes das relações internacionais que colocam questões ideológicas e culturais acima até mesmo das questões de Estado. Essa corrente é o construtivismo. E outras, que aqui não vou citar, que poderiam dar uma guinada na forma de interpretar e tirar a hegemonia da interpretação do campo do realismo político.

[AC]: Como coordenador do IFMundo 2019 em Salinas, como você avalia cada um dos modos de participação no IFMundo? Digo em relação às modalidades imprensa, embaixada, os comitês e os próprios diretores moderadores. Quais os ganhos pedagógicos e educacionais para os alunos?

[LS]: Legal você ter perguntado isso. Comitê de imprensa tem pouca demanda, então acaba que você filtra mais. Quem chega no comitê de imprensa, chega com um nível de excelência ótimo, porque vai estar muito engajado com aquilo, é o que ele sempre idealizou e sonhou. Então quem participa da imprensa vai com "sangue nos olhos". As outras atividades que agrupam centenas de alunos, por exemplo, os próprios delegados, embora o evento seja um sucesso, pelo menos uns 15% de alunos que acham o IFMundo um saco. É uma exceção, mas isso acontece e se a gente não tomar o cuidado, por exemplo, de não os colocar em posições chave de delegados, isso pode atrapalhar até o ritmo de debate dentro de um comitê. Então isso é um dilema que a gente enfrenta: a obrigatoriedade do IFMundo é um dilema que, na minha cabeça, não resolvi. Se a obrigatoriedade é a coisa melhor a se fazer, porque por enquanto a gente tem obrigado todos a participar. Quando todos participam, alguns infelizes e insatisfeitos estão dentro também.

[AC]: Sobre a questão da satisfação e insatisfação dos alunos, a gente percebeu aqui em Almenara, em 2019, que alguns temas foram um absoluto sucesso, como o do Comitê Olímpico Internacional, que discutiu questões de gênero, e outros que não cativaram tanto os alunos como por exemplo o comitê sobre a perda de biodiversidade genética. Eu queria saber se aí houve uma diferença de aceitação entre os temas, se alguns foram levados a debates mais apaixonados do que outros, e se você vislumbra outra possibilidade de elaboração dos temas a serem debatidos no evento?

[LS]: Isso aí é outro problema quase insolúvel, porque como definidores de temas é óbvio que a gente tem que ouvir as pessoas e as partes interessadas. Mas como atender as demandas que surgem da área técnica e, ao mesmo tempo, os interesses dos alunos e as nossas próprias convicções? Nós até temos uma mente aberta no sentido de abandonar as nossas próprias convicções em detrimento de promover uma melhor satisfação do público presente. Eu acho que a gente tem essa cabeça. Mas o interesse dos professores da área técnica precisa ser integrado. E o interesse do aluno não é exatamente o mesmo. Então há uma necessidade de achar uma equação comum. Eu acho que nós ainda não desenvolvemos a fórmula, e essa é uma fórmula que precisa ser pensada.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set/dez 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[AL]: Você citou algumas das dificuldades de se organizar um evento, principalmente um evento dessa proporção. Você foi o coordenador institucional de um evento que envolveu mais de três mil alunos em toda a instituição. Em alguns lugares ocorreu de uma forma, outros lugares de outra forma, a gente acabou vendo certa autonomia dos campi de fazer do seu jeito. É claro que tinha um modelo a ser seguido, mas eu percebi que houve diferenças entre campus. Você falou também da dificuldade que é ser obrigatória a participação. Sendo obrigado, o aluno, por um lado, perde autonomia e interesse, pois ele pode não ter aquelas competências específicas que a gente exige. Por outro lado, tem também a possibilidade de o aluno descobrir uma nova habilidade, que talvez ele não soubesse que tinha. Você falou também da dificuldade da definição dos temas. Existe uma outra dificuldade que você gostaria de citar? Principalmente, comparando a organização do ano passado com esse ano, quais foram, a seu ver, os avanços do IFMundo em 2019?

[LS]: Para mim está claro que a reitoria comprou a ideia, e isso foi um avanço. E eu acho que ter uma espécie de poder centralizado ali de apoio ao organizador, que eu como coordenador pudesse reportar a todo momento, facilitou muito isso. Apesar daquela questão da contenção das verbas ter sido uma estaca no nosso coração... Na posição de coordenador, eu acho que uma das principais angústias é o fato de as pessoas terem ritmos diferentes. Para a pessoa que está organizando, existe uma grande ansiedade. Quando se tem os prazos e se vê que um campus, por exemplo, está se movimentando da forma prevista e outro não. Ao mesmo tempo, você tem que estar em uma posição de equilíbrio, para não haver uma cobrança exacerbada que faz com que a pessoa passe a enxergar o evento, não como um prazer e uma solução pedagógica, mas como um fardo pesado a ser carregado. É preciso tentar buscar esse equilíbrio, e esse equilíbrio é difícil na posição de coordenador, eu senti isso muito seriamente. Aqui em Salinas houve mais apoio institucional também, foi uma marca do ano, quando a coordenação de ensino acolheu melhor, os outros professores dividiram as tarefas, a equipe de português apadrinhou o pessoal do jornal, e isso foi ótimo: as postagens tiveram correção em tempo real. Também tinha a equipe de oradores com professores permanentes. Então teve muito avanço. Agora, pensando em anos seguintes, eu acho que esse evento tinha que realmente ser no segundo semestre. É preciso ressaltar aqui o ritmo que o Instituto dá a si mesmo... O Instituto, pelo menos aqui em Salinas, não discute, em dezembro, seriamente o ano seguinte. O ano seguinte é discutido no próprio ano. Então se você coloca um evento dessa magnitude, por exemplo, em maio, começa a correria, uma corrida maluca para as coisas chegarem lá. Se ele coloca um evento desse em setembro, mesmo na posição de coordenador, então você já vai tentando aparar as arestas e a tendência é o evento chegar com mais força, plenitude, mais marcado na memória afetiva de todo mundo. Eu faço essa defesa.

[AC]: A entrevista tomou um rumo interessante. Tudo indica que a coordenação em 2020 vai para o campus Teófilo Otoni. Que tipo de conselho você daria para se fazer um evento melhor e mais organizado no ano que vem?

[LS]: A gente tem que pensar nos acertos. Eu não sei se vou chamar de conselho o que vou dizer. Eles têm que se organizar. Não se pode achar que o seu *feeling*, o bate papo e a conversa

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set/dez 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

vão resolver. Tem que se ter no computador diversas planilhas, e atualizá-las o tempo inteiro, senão você se perde. É fundamental uma boa organização. Outra coisa – aí eu posso chamar de conselho – é chamar realmente a reitoria para participar o tempo inteiro, amolar, pressionar, mostra-se interessado e preocupado para a reitoria. As duas coisas. Interesse e preocupação, porque a preocupação gera movimentação no outro. Eu proponho um exercício rápido de perceber como é que a estrutura está girando. Aqui eu questiono, como faço para que a notícia chegue melhor no campus tal? Quem que é a pessoa que melhor veicula a minha solicitação naquele campus? Esse mapeamento das pessoas que estão envolvidas é crucial, quanto mais cedo fizer, mais fácil vai ser a vida do coordenador.

[AL]: Professor, quando organizamos o evento, sempre imaginamos como ele ocorrerá, principalmente nos dias que o antecedem. Mas sempre acontece alguma coisa surpreendente. Nós planejamos, mas chega num momento e aquilo que pensamos que daria certo, às vezes não dá. Outras vezes você pensa que uma coisa que vai dar errado, mas dá certo no final. O que o surpreendeu mais em 2019?

[LS]: Ah, sem sombra de dúvidas o topo da hierarquia são as embaixadas. O primeiro ano que ouvi falar de embaixada foi ano passado. E a primeira coisa que eu pensei foi o seguinte: "gente, uma 'alunada' dessa com renda média baixa… onde é que eles vão arrumar dinheiro pra conseguir fazer uma decoração?", e mesmo nessas condições você chegava lá e os meninos davam um jeito. Buscava material gratuito, fazia acordo com empresa, e você chegava lá e era cada embaixada! Era inacreditável como eles conseguiam subir. Então, nos dois anos eu fui pessimista, contrário às embaixadas, mas na hora eu chegava nas embaixadas e a primeira coisa que eu pensava era "não é possível que eles deram conta de fazer isso tudo!". E eu estou sendo bem sincero, principalmente do ponto de vista estético. De conteúdo também, mas a estética me preocupava demais. Eu pensava: "esses meninos vão usar papelão usado aí". Chegando lá era cada coisa bonita, cara, nova, com o tecido da família que combinava com a cultura. Esse foi o primeiro ponto. O segundo ponto tem a ver com o pedagógico: quando você tem a surpresa de ver o menino, aquele caladão, que desabrocha quando chega o evento. Não sei se vocês tiveram esses exemplos em Almenara? Você pensa: "não é possível que esse cara tem essa capacidade, essa verborragia, essa eloquência, pois na sala de aula ele ficava todo encolhido e chega num evento desses ele arrebenta a boca do balão, né, bem articulado...

[AC]: A gente sempre tem casos assim de pessoas que se despertam e se descobrem na simulação como debatedores ou como organizadores. Na verdade, às vezes o aluno já é assim e o evento oportuniza. Às vezes em outros ambientes ele não tem oportunidade ou não quer se mostrar.

[LS]: E faz o menino buscar mais, certo? Aqui teve um caso específico de um menino, que participou do IFMundo e depois foi para o Panamá. Ele se infiltrou nas redes sociais, viu o evento, fez uma vaquinha virtual e foi embora para o Panamá, para um evento de simulação. Mateus, do curso técnico de agroindústria. Ele decidiu cursar relações internacionais.

[AC]: Nos últimos três anos, as suas publicações científicas têm trazido a temática da cultura de uma maneira muito clara, e têm adquirido um bom status no cenário nacional, tendo em vista a qualidade das revistas em que elas são publicadas. E uma das suas teses, a partir das reflexões pós-coloniais, é de que existe um hibridismo cultural que torna muito difícil a delimitação de culturas atualmente, se não impossível. Você tem uma discussão também sobre raças, que é muito parecida com essa. Trata-se de uma reflexão de vanguarda dentro da Geografia crítica, talvez até da Geografia Radical. Como lidar com uma discussão dessa em um ambiente em que os alunos são forçados a reproduzir clichês ditos culturais de vestimenta, alimentação, vocabulário, religião? E qual é a melhor estratégia para pensarmos nessas duas possibilidades ao mesmo tempo quando estamos tratando de um público adolescente?

[LS]: Essa discussão não pertence muito ao domínio público. É uma discussão que possui um viés pós-estruturalista. O pós-colonialismo bebe nessas fontes, mas é uma tendência que eu estou trabalhando usando o ponto de vista das produções acadêmicas de não ontologizar fatos e categorias das ciências humanas. Por isso que sobra também para a raça, não só para a cultura. Falar que não existe raça não significa dizer que não exista racismo. Falar que não existe cultura, nesse sentido tangível, não é o mesmo que dizer que as pessoas não brigam por valores que a gente possa chamar de valores culturais. Agora, para um leigo ou uma pessoa que nunca estudou num nível acadêmico, a tendência dela é transformar todas as categorias em entidades. Em relação à cultura, é passível ser descrita e colocada em uma caixinha. A raça é uma categoria muito clara. Quando eu cravo essas questões para o alunado, eu não coloco de uma maneira impositiva. Eu coloco em uma outra via de pensamento, aí eu explico pra eles como essa discussão está sendo feita nos Estados Unidos por alguns autores, porque nas ciências humanas essa não é uma discussão muito dominante no meio acadêmico. No Brasil existe uma espécie de ditadura da ontologização, de você entificar situações. Por quê? Por causa da Geografia Crítica. Tô explicando isso dentro da Geografia Crítica. E a Geografia Crítica entende que a criação de categorias é uma forma de você se expressar para votar a favor de seus direitos. Isso também serve para a questão da raça. Os racialistas também acreditam que existir a raça é uma forma de você reivindicar melhor os seus direitos, senão você perde o seu argumento. Então, não é uma questão de impor para o aluno. Os alunos trazem a concepção deles, a maioria esmagadora uma concepção entificada sobre as categorias das ciências humanas. E eu coloco essas outras abordagens para abrir a cabeça, deixando claro, inclusive, o porquê de certas entificações servirem como ferramentas de luta social.

[AC]: Você chegou a ver esse debate aparecer nos comitês do IFMundo? Ou está avançado demais para os alunos ainda?

[LS]: Não, está muito avançado. No vapor da discussão acaba-se caindo dentro de dois clichês: o clichê realista, do realismo político, e o clichê da entificação de categorias de ciências humanas. É quase que uma ditadura desses dois segmentos. Não é para se condenar o aluno. Porque eu mesmo, fazendo essas reflexões, o tempo inteiro caio nessas armadilhas de enxergar as coisas como categorias estanques. A gente se pega nessa reflexão o tempo inteiro. Era capaz até de Michel Foucault, um pós-estruturalista, pensar dessa forma também e cair nessas armadilhas, porque as sequelas da nossa formação como indivíduo ficam guardadas na nossa

mente. É a mesma pretensão que a gente possa ter, por exemplo, de dizer que nós não somos racistas. Imagine de que forma o racismo altera o nosso pensar em algum nível, mesmo que a gente o deixe completamente adormecido dentro das nossas estruturas formativas, hora ou outra ele dá um grito e interfere na nossa forma de ver as coisas. Eu penso assim.

[AL]: Uma última curiosidade. Vou citar um epígono das nossas entrevistadoras brasileiras, a Marília Gabriella. Ela tinha o quadro "Bate-bola, jogo rápido". Os entrevistados tinham que responder imediatamente. Eu sempre penso qual poderia ser o tema do IFMundo de 2020. Bate-bola, jogo rápido: qual tema você gostaria que fosse debatido em 2020?

[LS]: Eu acho que temas apocalípticos forçam muito os limites da natureza humana. Eu os acho muito interessante porque são temas de uma grande importância filosófica. "Um asteroide vai chegar na Terra? Quem vai para Marte?". Acho esses temas importantes. Agora, tem outros temas que passaram pela minha cabeça e são muito interessantes, temas de julgamentos históricos importantes. Imagine um comitê em que as pessoas estão julgando o Galileu, e o Galileu apresentando a sua perspectiva de mundo. imagine que interessante seria um comitê desse? Então eu acho interessante esses comitês históricos: "a condenação de Joana D'Arc à fogueira". Olha que legal um comitê desse! Ou então: "o Vaticano resolvendo, em 1530, se anularia ou não o casamento do Henrique VIII com a Catarina de Aragão"? Imagina que legal? É fundamental dentro da modernidade até! (Risos)

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 2, set/dez 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital